

Capítulo 3

Aqui vamos retratar a “descida” de Joel e Robson até o sexto andar. Eles estão no vigésimo andar do prédio (que tem 29). Durante a descida, Robson vai contar a Joel como deixou de ter medo de fantasmas. Para isso, vamos usar como referência o conto Berenice, de Edgar Allan Poe – “patrono” deste livro! Rsrtrs... Aqui eu pensei em usar o seguinte recurso visual: projeção de imagens nas paredes das escadas, como se tais imagens reproduzissem os pensamentos de Joel, ou seja, a maneira com que Joel “vê” a história que seu pai está contando a ele, em seus pensamentos. Tem que ser imagens assustadoras, que se projetem nas paredes da escadaria na medida em que eles vão descendo, e só são visíveis para o pequeno Joel. Seu pai está sadicamente interessado em detalhar para Joel a história de sua tia Berenice, que foi enterrada sem os dentes por causa da loucura mórbida de seu tio William Wilson Terceiro – que, num ato de insanidade, arrancou os dentes da defunta durante seu velório. A narrativa tem a intenção de aclimatar o leitor ao gênero que o livro se propõe a explorar: o terror. **Importante: o fantasma da Anabela deve estar presente ao longo da sequência!** Esconda-o para os olhos dos leitores mais atentos. Misture-o às imagens... Como voce quiser, desde que esteja lá, mas sem muito alarde. Eu vou descrever a cena e os detalhes que forem mais relevantes para sua composição. A narrativa ficará por sua conta. Todas as repetições de nome do falante significam balões. Cada fala tem seu próprio balão e sempre que eu pular a linha entre um balão e outro é porque houve quebra de quadro, ok?

Acho que é isso.... Qualquer dúvida, me avise!

Estamos no corredor de acesso às escadas. Não há iluminação externa. Há muito entulho pelo caminho. Trata-se de um longo corredor, com portas e mais portas pelas laterais. Tudo está em ruínas, sujo, abandonado. Joel caminha quase que agarrado às calças do pai, que, gentil e discretamente, para não causar muita estranheza no filho, tenta se livrar do gesto que não permite que ele ande com desenvoltura. O menino tem os olhos arregalados, parece estar se preparando para enfrentar algum monstro ou coisa do gênero. O pai, no entanto, caminha tranquilamente, mais preocupado com os obstáculos do caminho e com a possibilidade de tropeçar sobre alguma coisa.

Eles chegam às escadas, que também tem muitos objetos espalhados pelo chão e as paredes descascadas, envelhecidas e pichadas, e começam a descer. Estão no vigésimo andar, seu objetivo é o sexto.

A partir daqui, vou somente descrever os diálogos e algumas das imagens que serão projetadas nas paredes, como se fossem “balões de pensamento” de Joel, ou seja, representações dos pensamentos dele sobre a estória que seu pai está contando. Faça de conta, Jeff, que eles estão “no meio do passado”. Não há mais entulho, não há mais sujeira, há somente o passado projetado nas paredes. E a descida? Tente imprimir ao leitor a sensação de que eles estão descendo para o inferno! Rsrtrs...

Robson: Se você continuar puxando a minha calça desse jeito a gente vai cair!
Joel: Eu tenho medo de andar sozinho aqui!

Robson: Você não tá sozinho, Joel, eu tô aqui com você!
Joel: Você anda muito rápido! Vai me largar pra trás!

Robson: Moleque medroso... Tá com medo do que?
Joel: Do escuro! De cair! De fantasma!

Robson (rindo): Para com essa merda, Joel! Medo de fantasma?!
Joel: A Tripeta falou que tem um fantasma muito velho que mora aqui... E que eu tenho que tomar muito cuidado com ele!

Robson: A Tripeta é perturbada. Fica te falando essas coisas porque não tem filho...
Joel: Ela disse que eu era especial... Que a gente veio morar aqui por causa do destino...

Robson: É verdade. Você é especial. Toda criança é. Mas a gente veio morar aqui pra se esconder dos *milicos*. E eu não quero mais saber de você puxando conversa fiada com a Tripeta, entendeu?
Joel: Entendi, pai...

Robson: Outra coisa... Não é dos mortos que você tem que ter medo. É dos vivos. Os vivos é que machucam a gente.
A gente tá morando nesse cortiço por causa dos vivos, ficou claro?

Joel cabisbaixo: Tá bom, pai.

Joel (perguntando com muita curiosidade e interesse): Só existe fantasma morto?
Robson (rindo): Joel... Você não é fácil... Eu já não disse pra para com essa conversa?

Joel: É só uma pergunta! É só você responder!
Robson (rindo de Joel): Então, tá. Eu vou contar pra você como foi que eu descobri que os fantasmas não são de nada!

A DAMA DO MARTINELLI – Versão final (21 de fevereiro de 2011)

Joel olha para Robson muito, muito interessado.

Robson: Eu ainda era moleque, assim que nem você. Tinha o quê? Uns seis ou sete anos... Nessa época eu passava as férias de verão na casa de meu avô, o velho William Wilson Segundo.

Robson: Meu avô era filho de escrava liberta. Você sabe o que é *escravo liberto*?

Joel: A mamãe me ensinou. É o escravo que pode ir embora da fazenda sem precisar fugir.

Robson (sorrindo): Sua mãe é bem didática mesmo...

Robson: Enfim, o pai dele, meu bisavô, nasceu na casa de um rico barão americano, que havia deixado os Estados Unidos antes que perdesse tudo por causa da guerra de secessão.

Joel: Guerra do que, pai?

Robson (falando com jeito de professor): De secessão. Depois você pergunta pra sua mãe o que foi.

Robson volta a retomar o raciocínio.

Robson: Quando o meu bisavô nasceu, o barão ficou doidinho e saiu ensinando tudo pra ele! Ensinou a ler, escrever, fazer conta... Ensinou até os modos daquela gente embaronada da época.

Robson: Na verdade, todo mundo desconfiava, porque meu bisavô era igualzinho ao barão, só que preto...

Robson: De todo jeito, antes de morrer, o barão deu ao meu bisavô um bom pedaço de terra, algum dinheiro, e disse a ele que investisse na educação dos seus filhos – coisa que meu bisavô fez de bom grado!

Robson: O nome desse barão era William Wilson e, por causa disso, quando meu bisavô se casou, deu ao seu primeiro e único filho o nome de William Wilson Segundo, pra fazer homenagem ao antigo senhor dele, e se certificou de que ele seria advogado.

Robson: William Wilson Segundo, meu avô, que graças ao pai tornou-se um importante advogado em seu tempo, teve cinco filhos: quatro mulheres e um homem. E para homenagear seu pai, deu ao seu único filho o nome de William Wilson Terceiro.

Robson (para Joel): Entendeu até aqui?

Joel (com cara de muito interessado): Entendi. E o fantasma?

Robson: Ah, sim! O fantasma... Pois bem.

Robson: Meu tio, William Wilson Terceiro, era um homem muito atormentado. Sofria de uma rara doença que fazia com que ele dormisse por longos períodos de tempo. Por causa disso, ele nunca pôde freqüentar a escola regularmente e tinha uma vida muito reclusa, de poucos amigos e convívio com as pessoas.

Robson: É que todo mundo se assustava muito com aquele tipo de doença naquele tempo. Minha própria avó chegou a pensar que aquilo era coisa de capeta... Em mais de uma ocasião tio William foi dado como morto e quase acabou enterrado vivo!

Robson: Por sorte ele podia sempre contar com o amor doentio que sua irmã mais nova nutria por ele. Sim! Todas as vezes que tio William entrava naquele sono que parecia sem fim, sua irmã mais nova se postava ao seu lado e ali ficava, como uma guardiã, até que ele acordasse!

Robson: Ela era uma jovem muito especial. Todos gostavam muito dela. Meu avô não fazia a menor questão de esconder que ela era sua filha favorita.

Robson: E ela era indescritivelmente linda! Uma peça de artesanato divino...

Robson: Sua pele cor de caramelo era bem fina e delicada. Parecia o veludo perfeito de um pêssigo colhido no tempo ideal... Seus cabelos eram muito longos e delicadamente cacheados. Escorriam como ondas suaves sobre seus ombros, deixando-se cair pesados até o meio das costas.

Robson: Ela era muito magra e esguia. Quando caminhava, dava-nos a impressão de estar flutuando, como uma bailarina...

Robson: Mas o que mais chamava a atenção nela era o seu sorriso.

Robson (sorrindo e gesticulando): Ah! Que sorriso perfeito! Era um sorriso tão luminoso! Cheio de vida! De alegria verdadeira...

A DAMA DO MARTINELLI – Versão final (21 de fevereiro de 2011)

Joel: Como era o nome dela?

O PRÓXIMO QUADRO TEM QUE SER EM PÁGINA PAR, OK???

Robson: Berenice.

OBS: Jeff, esse quadro é hiper importante. Tem que ser um quadro de destaque, apesar de conter só um balão. Acontece que Berenice é o título de um dos mais importantes contos do Poe, e que vamos recontar aqui, como se fosse uma experiência de vida do Robson. Eu pensei, para este quadro, no Robson olhando para o leitor, com uma cara meio “alterada”, a luz da lanterna incidindo assustadoramente sobre o rosto dele.

Robson: Tio William, como eu disse, tinha por tia Berenice um amor muito grande também. Ela não era somente sua guardiã, mas sua melhor amiga – talvez sua única amiga – e, quando ele não estava de cama, acometido pela doença, era ele quem fazia questão de cuidar dela o tempo todo.

Robson: Infelizmente, numa tarde chuvosa, uma terrível tragédia aconteceu... Foi durante um dos ataques de tio William.

Robson: Quando voltava da farmácia com medicamentos para ele, um bonde desgovernado atropelou tia Berenice, jogando seu corpo violentamente contra um muro.

Robson: Ela morreu na hora com o impacto e seu rosto, tão lindo e perfeito, acabou completamente desfigurado.

Robson: Toda família ficou muito abalada pela tragédia e vieram de todos os cantos para a semana de serviços na casa de meu avô. E todos estavam muito preocupados com tio William, porque ele estava dormindo, não sabia que sua amada irmã estava morta...

Robson: Foi então que, como se um anjo tivesse contado a ele o acontecido, na véspera do enterro de tia Berenice, tio William acordou.

Robson: A primeira coisa que fez foi procurar por ela... E quando soube do acontecido... Ah! Eu me lembro como se fosse hoje... Ele gritou, e chorou, e negou... Estava inconformado. Inconsolável...

- Um quadro em que Robson faz uma pausa, leva o indicador ao lábio, pensativo.

- Um quadro em que Robson retoma o discurso.

Robson: Naquela noite tio William pediu para ver o corpo de tia Berenice. Assim como ela sempre precisou ter certeza de que ele jamais seria enterrado vivo por causa de sua doença, era ele agora quem precisava dessa certeza sobre ela.

Robson: Embora relutante, meu avô concordou com o pedido dele. Achou que era justo.

Robson: Naquele tempo, os mortos ainda eram velados dentro de casa, por três dias. O corpo de tia Berenice estava na sala do antigo casarão e seria enterrado na manhã seguinte àquela em que tio William acordou.

Robson: Por causa de sua imensa dor, tio William pediu a todos que o deixasse estar com ela a sós aquela noite. Como o rosto de Berenice estava desfigurado, o caixão fora fechado e lacrado.

Robson: A família respeitou o pedido de tio William. Deixaram-no passar aquela noite sozinho no velório. Uma noite longa e triste, em que ouvimos por todo o casarão o seu choro inconsolável...

Robson se volta para Joel.

Robson: Acontece, que na manhã seguinte, no dia do enterro, quando todos levantamos e nos dirigimos até a sala do velório, uma outra coisa, terrivelmente estranha, havia acontecido...

Robson: Todos os oito parafusos que lacravam o caixão de Berenice estavam espalhados pelo chão...

Joel engole em seco.

Robson: A tampa do caixão estava ligeiramente fora de lugar...

Robson: E havia sangue pelo chão... Uma fileira de sangue que escorria pela tampa entreaberta e gotejava pelo chão em direção à janela escancarada da sala!

A DAMA DO MARTINELLI – Versão final (21 de fevereiro de 2011)

Robson: Meu avô mandou chamar tio William, mas ninguém sabia dele. E ninguém tampouco tinha coragem de olhar dentro do caixão para ver o que havia acontecido...

Robson: Foi então que ouvimos uma risada histérica! Uma risada doente, cheia de loucura e alucinação! E os passos! As passadas pesadas, correndo em direção à sala! Batendo contra as tábuas com a força de uma cavalaria...

Robson: Era o tio William...

Robson: Entrou correndo, rindo feito um doido... Segurando uma caixinha nas mãos...

Robson: “Eu consegui! Guardei! Guardei Aqui dentro! Guardei só pra mim!”, ele gritava estendendo a caixinha para meu avô...

Robson: Então ele caiu de joelhos...

Robson: E meu avô tomou dele a caixinha...

- OBS: Aqui o clima é lento, de mistério e morte... Robson deve ir aos poucos revelando as coisas, com calma... A calma que o texto pede. Detalhe importante: Robson não está olhando para Joel ainda. Ele está tão envolvido com o desfecho da própria estória que parece estar contando para ele mesmo, como se ele próprio não conseguisse acreditar no que está dizendo. Ele gesticula como se estivesse com a caixinha nas mãos. Como se pudesse tocá-la. Revive a experiência do tio e a sua própria.

Robson: Era uma caixinha sextavada, de madrepérola... O porta-jóias da tia Berenice... Robson: “Veja, papai! Eu consegui!”, ele dizia, “Guardei o sorriso dela só pra mim...!” Robson: Ali dentro... Estavam lá...

Robson: Pequenas continhas brancas...

Robson: Brancas e perfeitas...

Robson: Todos...

Robson: Todos os dentes de tia Berenice...

Quadro sem diálogo com Robson começando a voltar a si, erguendo de novo a cabeça, saindo daquele transe.

Robson olha para Joel.

Robson: É por isso que eu não tenho medo dos mortos. Porque não me lembro de ver o fantasma da tia Berenice vagando banguela por aquela casa!

Robson: Mas eu me lembro bem das mãos ensangüentadas do tio William segurando aquela caixinha! E da risada dele... Uma risada demente... Risada sem riso nenhum...

Robson pensativo. Volta-se para Joel.

Robson para Joel: E então? Você ainda está com medo de fantasmas? Joel engole em seco.

Os olhos de Joel marejam.

Joel começa a fazer um biquinho de choro.

Joel desata a chorar de pavor. Robson coça a cabeça como se não entendesse o porquê.

Robson: Mas essa agora...

FIM DA SEQUENCIA EM PÁGINA ÍMPAR!